

POR QUE CHEGAMOS À CIDADE DE DEUS?

Falar em realismo das cenas do filme de Fernando Meirelles pode gerar um péssimo efeito. Pode prejudicar, digamos assim, “os toques” que o filme dá a uma parte da platéia que se crer muito longe daqueles cenários, daquela ficção.

Aprendemos a não pertencer ao caos e nos convencemos de que isto é uma decisão pessoal. Tem uns que se envolvem e outros não: temos assim um primeiro escudo de proteção. Depois há uma outra camada protetora: o caos está em outro lugar, mora longe de nós, da nossa família, dos nossos amigos, das nossas ruas, do nosso bairro. Nós, não apenas estamos a salvo, quanto, principalmente, não pertencemos aos caminhos erráticos do caos.

Podemos ir à Cidade de Deus através de sua versão cinematográfica. Mas o filme tem a propriedade de encurtar as distâncias entre nós, moradores dos espaços nobres das grandes cidades brasileiras e aquele lugar esquecido pelas instâncias que nos asseguram hábitos banais como o direito de sonhar, de preferir e até de exigir um pouco de tudo. Instância que nos asseguram o direito de errar no tempo certo, de adquirir experiência, de aproveitara infância e a juventude, de sermos perdoavelmente irresponsáveis com as coisas públicas, com as coisas próprias...

Aprendemos a “roubar o carro do coroa” antes de termos a carteira de habilitação.

Com o filme, nós somos levados a ver que a nossa imaginação é pobre, quando imaginamos aqueles meninos e jovens de acordo com os nossos critérios. A nossa lógica é válida para o nosso próprio consumo. Temos um problema sério e devemos revê-la pois nela encontramos sinais de que sonhamos em colonizar as Cidades de Deus, anunciando que são universais as nossas regras mas ao mesmo tempo, escondendo o jogo. Se as nossas cartas forem expostas e, juntamente a elas, as nossas práticas e táticas de jogo, certamente os meninos e jovens das múltiplas periferias da vida identificarão a porção complementar do baralho da Cidade de Deus.

Quem sabe, nesse momento possamos reunir os espantos numa pergunta: por que chegamos **todos** à Cidade de Deus?

Aprendemos o endereço da “boca” e muito cedo “fazemos experiência com as drogas”. Temos nossas aventuras com as empregadas, também elas muito jovens. Não é necessário lembrar do quanto somos pouco responsáveis com o nosso desempenho escolar, nossa saúde, higiene, nosso respeito às pessoas, especialmente aquelas que ocupam posição inferior à nossa na escala social. Tudo somado e descobrimos que não somos santos. Apesar disso, todas as nossas faltas são computadas como deslizos. Até quando matamos índios, quando dirigimos drogados pelas ruas da cidade, quando fazemos os nossos pegos, pichamos os muros. Parece que temos mais direito de sermos irresponsáveis que os meninos da Cidade de Deus.

A nossa irresponsabilidade, comparada à dos meninos da Cidade de Deus, é percebida como de outra natureza e tem lá a sua nobreza. A nossa transgressão deve ser lida a partir do plano da subjetividade: o que o nosso inconsciente estaria em condições de revelar com essas manifestações?

Já os meninos da Cidade de Deus, os meninos das nossas periferias parecem não serem providos de inconsciente, de subjetividade. Diferentemente de nós, a eles não é reconhecido o direito de desejar. Para eles, a imaginação é risco.